

## QUESTÕES E PROBLEMAS

ADVÉRBIOS MODALIZADORES: UM NOVO NÚCLEO  
PREDICADOR?\*

Mary Aizawa Katō (Un. Estadual de Campinas)  
Ataliba de Castilho (Un. Estadual de Campinas)

## 1. O estatuto funcional e categorial dos advérbios modalizadores

O presente trabalho trata de advérbios modalizadores, do tipo realmente, possivelmente, praticamente, rigorosamente etc, também chamados advérbios sentenciais.

Segundo Castilho e Moraes de Castilho (1990), a gramática tradicional reconhece dois grandes componentes, na sentença: o componente proposicional (P), constituído de sujeito + predicado (=dictum), e o componente modal, que é uma qualificação do conteúdo e da forma de P, de acordo com o julgamento do falante (=modus). Esse julgamento, segundo os autores, expressa-se de dois modos: (1) o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo. Designa-se habitualmente a função (1) por modalidade e a função (2) por modalização. Os autores dizem, ainda, que a função modalizadora pode ser codificada sintaticamente através de vários

tipos de predicadores: advérbios modalizadores, adjetivos, sintagmas preposicionados, verbos e até nomes:

- (1) Realmente, os filmes eram muito ruins.
- (2) Eu sei que os filmes eram muito ruins.
- (3) É certo que os filmes eram muito ruins.
- (4) É certeza que os filmes eram muito ruins.
- (5) Em realidade, os filmes eram muito ruins.

A posição privilegiada desses modalizadores é no início da sentença, podendo ainda ocorrer entre o sujeito e o verbo e no final da sentença<sup>1</sup>, com exceção dos nomes, de distribuição mais limitada:

- (6) Os filmes (realmente) eram muito ruins (realmente).
- (7) Os filmes (eu sei) eram muito ruins (eu sei).
- (8) Os filmes (é certo) eram muito ruins (é certo).
- (9) Os filmes (em realidade) eram muito ruins (em realidade).

Em Kato (1982/88), foi mostrado que há uma harmonia trans-sintagmática, envolvendo adjetivos, advérbios e verbos modais, como se pode ver no seguinte conjunto de sintagmas:

- (10) a. Pode (chover à noite)  
b. A (possível (chuva à noite)  
c. E possível (que chova à noite).  
c. Possivelmente (vai chover à noite).

Para Kato, essa harmonia deveria ser passível de representação na teoria da X-barra, cuja motivação inicial foi a de captar esse tipo de simetria<sup>2</sup>.

A dificuldade de representar essa simetria, porém, estava justamente no estatuto pouco claro das categorias adjetivo e advérbio<sup>3</sup>. A teoria gerativa propunha, até então, apenas quatro tipos de predicadores: V, N, Prep e Adj, esse último considerado como tal, apenas quando em sua função predicativa e, não, como modificador. O progressivo conhecimento das chamadas categorias gramaticais (conjunções, determinantes e flexão) também não vem esclarecer o estatuto do advérbio<sup>4</sup>.

Jackendoff (1977), em seu estudo clássico sobre advérbios, mostra que, ao contrário de adjetivos transitivos ('proud of of his son'), os advérbios em geral não podem ter complementos ('\*proudly of his son'). Travis (1988) atribui essa impossibilidade de complementação à natureza defectiva dos advérbios, que não podem ser projetados em categorias frasais máximas. Seguindo Higginbothan (1985), diz que adjetivos pré-nominais e advérbios sentenciais não são nem predicados e nem argumentos, sendo co-funtores dos elementos que estão sob seu escopo<sup>5</sup>. Apesar dessa relação de co-funtores, Higginbothan admite que há uma direção de theta-marcação do adjetivo para o nome, o que ele denomina theta-marcação autônoma. Travis discorda desse direcionamento, usando como argumento a distribuição dos diversos tipos de advérbios. Assim, para ela, os advérbios orientados para o sujeito são legitimados pela Flexão, enquanto os advérbios orientados para o agente são legitimados pelo verbo.

Na seção que se segue, tentaremos propor uma análise mais convencional dessa marcação theta, que não implique em um afastamento das condições de legitimação mais estáveis na

teoria.

## 2. Adjetivos e advérbios ergativos

A literatura gerativista vem reconhecendo três tipos de verbos: os transitivos, os intransitivos e os ergativos. Os ergativos caracterizam-se por não conterem, em estrutura-P, um argumento externo (Caiu o dólar, Apareceu um ladrão aqui), e são também conhecidos como verbos de alçamento por permitirem que seu argumento interno apareça, em estrutura-S, alçado para a posição pré-verbal (O dólar caiu, Um ladrão apareceu aqui).

Cinque (1988) e Kato (1989) propõem, com argumentos independentes, que, assim como os verbos, os adjetivos podem ser classificados em intransitivos e ergativos. A diferença está em que os intransitivos têm seu argumento externo a ele, enquanto os ergativos têm seu argumento aparecendo como SN interno, em estrutura-P. Kato considerou que os adjetivos ergativos podem ocorrer em mini-orações (small clauses) livres ou como complementos de verbo, sendo também aqueles que, em SNs, podem preceder o nome<sup>s</sup>, ao contrário dos inergativos/intransitivos.

- (11)a. Acho (lindo o seu cabelo)!
- b. Lindo o seu cabelo !
- c. lindo cabelo
- (12)a.\* Acho (grávida aquela moça).
- b.\* Grávida aquela moça.
- c.\* grávida moça

Kato (1990) divide ainda os adjetivos ergativos em ergativos nominais e ergativos proposicionais, estes últimos com um argumento

interno sentencial:

- (13)a. (E) possível( que chova).  
 b. (E )lamentável que tenha chovido.

Podemos nos perguntar se os advérbios modalizadores não seriam ergativos<sup>7</sup>, dado o número de advérbios que derivam de adjetivos ergativos proposicionais<sup>8</sup>, e dada a sua distribuição.

Castilho e Moraes Castilho (1990) sustentam que esses advérbios modalizadores são um tipo de hiper-predicados, podendo eles ser subclassificados em dois tipos: a) os que têm um argumento proposicional e b) os que têm dois argumentos- uma proposição e um SN opcional, este chamado, tradicionalmente, de dativo ético.

- (14) a. Possivelmente ele virá.  
 b\* Possivelmente para mim ele virá.  
 (15) a. Felizmente ele virá.  
 b. Felizmente para mim ele virá.

Ambos os argumentos são internos, o que mostra que os predicados ergativos não se definem pelo número de argumentos, mas pela ausência de um argumento externo. Roberts (1990) analisa certos adjetivos derivados de verbos psicológicos (worry -> worrying) como ergativos, sendo que aqui também temos um segundo argumento opcional possível: o experienciador (The story is worrying (to me)). Note-se que, em português também, tais adjetivos comportam-se naturalmente com seus argumentos pospostos, um comportamento típico de predicados ergativos (E assustador (para mim) esse plano).

Estamos admitindo, assim, contrariamente a Jackendoff e Travis, que advérbios não são

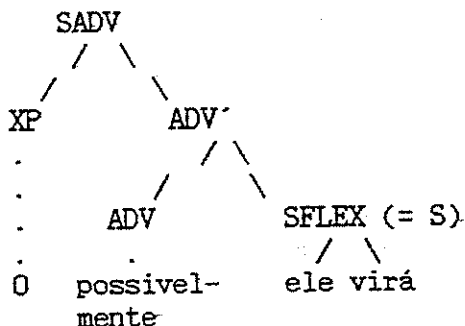
predicados defectivos e que a própria sentença que está sob seu escopo é seu complemento, admitindo, portanto, projeção em uma estrutura frasal máxima.

Veja o perfeito paralelismo entre as sentenças abaixo:

- (16)a. Lamento que esteja chovendo  
 b. E lamentável que esteja chovendo  
 c. Lamentavelmente está chovendo.

Sendo ergativos, esse advérbios, bem como os adjetivos, têm a posição de Especificador vazia em estrutura-P, isto é são predicados impessoais.

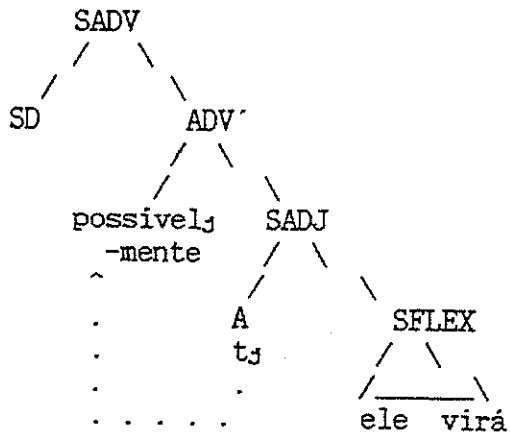
Fig.1



Para Fukui (1986), uma categoria X' é um predicado e não uma entidade referencial como um argumento ou uma proposição. Na fig. 1, a sentença *Possivelmente ele virá* não tem a representação de uma proposição, pois não temos uma categoria funcional que permita fechar a projeção do advérbio. Na perspectiva de Stowell (1990), diferente da de Fukui<sup>8</sup>, mas com as mesmas restrições, um predicado tem que ser regido por uma categoria funcional.

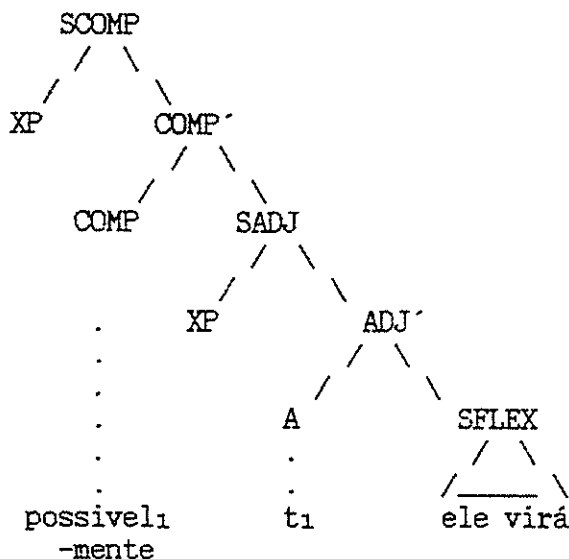
Uma possível solução para esse impasse seria considerar o sufixo *-mente* como essa categoria funcional<sup>10</sup>. O predicado que encabeça a sentença seria, então, um adjetivo ergativo, que, por sua vez, seria o núcleo do complemento de *-mente*, e *que* se alçaria para ir buscar o sufixo adverbial, incorporando-se a este, nos termos de Baker (1988).

Fig 2.



Ora, os advérbios modalizadores são parte do componente modal de um sistema linguístico. Este componente engloba também os operadores que codificam os diferentes atos de fala como *se* e *qu-* (pergunta), *que* e *flexão* (asserção), e estes operadores são, em geral, gerados em COMP ou para aí alçados. É intuitivamente razoável, portanto, imaginar que o lugar de *-mente* seja em COMP.

Fig. 3



Uma vantagem para essa análise é que uma das posições do advérbio, que é depois do sujeito, pode ser explicada pelo movimento sucessivo deste para a posição de Espec de SAdj<sup>11</sup> e daí para a posição Espec de COMP. O COMP derivado rege tudo que o adjetivo e o sufixo regiam individualmente (cf Baker, 1988), legitimando as categorias vazias. Na posição de Espec de COMP, *ele* não precisa de caso, já que está em cadeia com a variável  $t_j$ .



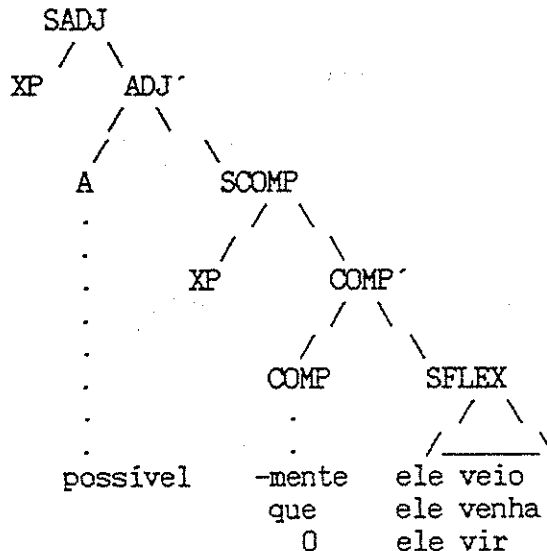


b.3.\*Lamentavelmente que ele não tenha vindo.

Enquanto o adjetivo exige uma sentença subordinada com Complementizador, seja com um COMP *que* ou com COMP -0 (infinitivo), o adjetivo na Fig 2 aparece subcategorizando uma sentença sem COMP, isto é, um SFLEX (oração absoluta).

Uma análise alternativa seria considerar *-mente* como o complementizador da sentença encaixada e não da matriz. O adjetivo selecionaria um SCOMP, que se realizaria como *que S* ou como infinitiva ou ainda com *-mente* +S<sup>1a</sup> :

Fig.5



Poderíamos supor, ainda, que *-mente* cliticize-se ao adjetivo. Resolveríamos, assim, o problema da subcategorização. Voltamos, porém, ao problema da legitimação do

predicado adjetival, que não tem uma categoria funcional regendo-o <sup>14</sup>.

Concluindo, não temos dúvidas quanto ao caráter nuclear da categoria advérbio e de sua natureza ergativa. Resta saber, porém, como conciliar o problema da sub-categorização do adjetivo ou do princípio de que todo predicado deve ter uma categoria funcional que o rege. Teorias como a de Baker(1988), de Cinque (1988) e de Baker, Roberts and Johnson (1989), sobre a mudança das relações sintáticas, como consequência de processos morfológicos podem eventualmente resolver os problemas da primeira hipótese considerada. Mas, embora rica de possibilidades, essa interrelação entre a morfologia e a sintaxe e a forma de tratá-la na teoria não constituem ainda um fenômeno muito claro entre nós.

#### NOTAS

\* Agradecemos aos dois membros do Conselho Editorial que atuaram como pareceristas, e também a Milton do Nascimento e Charlotte Galves pelos valiosos comentários sobre o conteúdo e forma deste trabalho.

<sup>1</sup> Vide Castilho e Moraes de Castilho (1990) para uma discussão ampla sobre essa distribuição. Observa-se que a posição pós-verbal parece restringir-se à cópula e auxiliares e, nesse caso, a posição ainda pode ser dita antes do predicador lexical: verbo ou adjetivo.

<sup>2</sup> A harmonia, segundo esse trabalho, dá-se em nível de subcategoria dos predicados e não das categorias.

<sup>3</sup> O adjetivo como núcleo do predicado aparece bem desenvolvido na teoria da X-barra. O adjetivo como modificador, tanto o pré-nominal quanto o pós-nominal, vem sendo tratado como adjunto do nome. Dos advérbios, o de modo é o mais discutido desde o modelo padrão, podendo ser considerado um quasi-argumento (João abriu a porta com as mãos/ manualmente)). Com exceção dos estudos de Jackendoff, e mais recentemente o de Higginbotham (1985) e o de Travis (1988), os advérbios modalizadores mereceram pouca atenção. No português, além de Castilho e M. Castilho, vide Ilari (1988) e Samara (1986).

<sup>4</sup> No início, as categorias nucleares eram apenas as categorias lexicais, isto é, o verbo, o adjetivo, o nome e a preposição. A teoria vem expandindo, porém, a classe das chamadas classes nucleares para incluir, aí, as classes funcionais, ou gramaticais (Complementizador, flexão, determinante). As classes lexicais eram predicados e as funcionais eram modificadores ou adjuntos. A inclusão destas à classe de núcleos tirou a relação que havia anteriormente.

<sup>5</sup> Assim, o nome tem uma posição aberta, que é preenchida pelo adjetivo e o adjetivo tem uma posição aberta, que é preenchida pelo nome. A essa relação Higginbotham denomina identificação-theta.

<sup>6</sup> Boff (1990) faz um estudo extenso desses adjetivos no interior de sintagmas nominais, em uma perspectiva diacrônica e sincrônica.

<sup>7</sup> Se existem advérbios ergativos, deveríamos esperar que existam advérbios inergativos. É possível que os advérbios locativos e temporais

não-subcategorizados pelo verbo possam ser tratados como inergativos, isto é aqueles que tomariam uma sentença como argumento externo. Deixaremos, porém, essa análise para um futuro trabalho.

<sup>8</sup> Cinque (1988) mostra que nem toda derivação preserva a mesma estrutura argumental, mas podemos supor que temos, aqui, um caso em que não há alteração da estrutura argumental, mas de subcategorização.

<sup>9</sup> Para Fukui, somente categorias funcionais têm projeção máxima, pois definem elementos referenciais. As categorias lexicais projetam-se apenas em nível de uma barra, precisando, porém, ser regidos por um núcleo funcional, este, sim, passível de saturação de seu Especificador.

<sup>10</sup> Nada há de novo em considerar um sufixo uma categoria nuclear. A primeira proposta nesse sentido foi considerar Flex(ão) como núcleo da sentença. Veja ainda a proposta de Baker (1988) de considerar o sufixo derivacional causativo '-en' como o predicado principal, ao qual se incorpora o predicado da sentença encaixada

<sup>11</sup> O movimento é possível porque ele não encontra, no caminho, nenhuma barreira, no sentido de Chomsky (1986), uma vez que a única projeção máxima encontrada é selecionada (L-marcada) por A. A categoria vazia é também apropriadamente regida tornando a estrutura plenamente interpretável.

<sup>12</sup> O problema nos foi apontado por um dos pareceristas do Conselho Editorial.

13 Essa solução alternativa foi sugerida pelo mesmo parecerista e também por Milton do Nascimento.

14 Poderíamos propor, aqui, que o morfema de número (AGR) poderia atuar como esse núcleo funcional, à maneira de Raposo e Uriaguereka (1990). Mas o fenômeno é similar em inglês e, nessa língua, o adjetivo não varia em número.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BAKER, M. (1988) *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*, University of Chicago Press.
- BAKER, M & K. JOHNSON & I. ROBERTS (1989) Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry*, 20: 219-352.
- BOFF, A. (1990) Os adjetivos ergativos no interior do SN: perspectivas sincrônica e diacrônica. ms
- CASTILHO A. e C. MORAIS CASTILHO (1990) Advérbios modalizadores. ms
- CINQUE, G. (1988) Ergative adjectives and the lexicalist hypothesis, *Natural Language and Linguistic Theory*, 7, 4:
- CHOMSKY, N. (1986) *Barriers*, Cambridge, Mass: MIT Press.
- FUKUI, N. (1986) *A Theory of Category Projection and its Applications*, MIT :Tese de Doutorado.
- HIGGINBOTHAM J. (1985) On semantics. *Linguistic Inquiry*, 16, 4: 547-594.
- ILARI, R et Alii (1988) A posição do advérbio. ms.
- JACKENDOFF, R. (1977) *X'-syntax: a Study of Phrase Structure*. Cambridge: MIT Press.

- KATO, M. A. (1982) A ordem Adj+N e a harmonia transcategorial. Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Linguística, PUCRJ, publicado em *Letras e Letras*, 4, 1/2: 205-214, 1988.
- KATO, M. A. (1989) Mini-orações em português . Comunicação apresentada no III Encontro da ANPOLL, São Paulo,
- KATO, M. A. (1990) A ergatividade dos adjetivos . Comunicação apresentada no IV Encontro da ANPOLL, Recife.
- RAPOSO, E. 7 J. URIAGUERKA (1990) Long-distance case-assignment. *Linguistic Inquiry*, 21: 505-537.
- ROBERTS, I. (1990) Psych-adjectives and argument structure. Comunicação apresentada no Encontro da ALFAL, Campinas, agosto de 1990.
- SAMARA, S. (1986) *Fatores determinantes da Distribuição do Advérbio*. FUCSP: Tese de doutoramento.
- STOWELL, T. (1990) Small clause restructuring, In: R. Freidin (ed) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- TRAVIS, L. (no prelo) The syntax of adverbs. *McGill Working Papers in Linguistics: Proceedings of the IVth Workshop on Comparative Germanic Syntax*, 1988.